



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Farias Tavares, Enéias

Intervenções do texto bíblico no romance Tempo de Solidão, de Josué Guimarães

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 33, núm. 1, 2011, pp. 107-112

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426647012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Intervenções do texto bíblico no romance *Tempo de Solidão*, de Josué Guimarães

Enéias Farias Tavares

Universidade Federal de Santa Maria, Av. Roraima, 1000, 97105-900, Cidade Universitária, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: eneiastavares@yahoo.com.br

RESUMO. Num cenário social e cultural tão misto, variável e múltiplo, cada vez mais obras de cunho artístico releem, reinterpretem e retomam tropos humanísticos do passado. No que concerne aos estudos literários, tais relações, nunca unidirecionais, sempre dialéticas, retomam e reaproximam culturas e saberes. Quando pensamos na influência de textos do passado em obras literárias mais próximas de nós temporalmente, o texto bíblico se apresenta como fonte inesgotável de ideias, conceitos e histórias que insuflaram – até hoje – a mente de diferentes escritores. Essa influência do texto bíblico se dá tanto em autores “modernos”, como Franz Kafka, Herman Melville e José Saramago, quanto em autores clássicos, como Dante Alighieri, John Milton e Luiz de Camões. Este trabalho apresenta uma interpretação sobre o nome do personagem Daniel Abraão, baseada na cultura bíblica judaica. Sendo o protagonista do romance *A Ferro e Fogo I: Tempo de Solidão*, do sul-brasileiro Josué Guimarães, tal personagem é construído como um paradigma da esperança migratória frustrada representada pelo povo alemão no Brasil.

Palavras-chave: literatura comparada, *Tempo de solidão*, cultura judaica, narrativa bíblica, imigração alemã, literatura brasileira.

ABSTRACT. *Interventions of biblical narrative in Josué Guimarães' novel Tempo de Solidão.* In such a mixed, changeable and multiple social and cultural scene, more and more artistic works reread, reinterpret and retake humanistic themes of the past. With regard to literary studies, such relations, which are never unidirectional and always dialectic, retake and reapproximate cultures and knowledges. When we think about the influence of texts of the past in literary compositions of our time, the Biblical text presents an inexhaustible source of ideas, concepts and histories that inspire, even today, the mind of different writers. This influence of Biblical text is present both in modern authors such as Franz Kafka, Herman Melville and Jose Saramago, and in classic authors like Dante Alighieri, John Milton and Luiz de Camões. This paper presents an interpretation of the name of the character Daniel Abraão based on Jewish Biblical culture. Being the protagonist of the novel *A Ferro e Fogo I: Tempo de Solidão*, by southern Brazilian author Josué Guimarães, such a character is constructed as a paradigm of the frustrated migratory hope represented by the German people in Brazil.

Keywords: comparative literature, *Tempo de solidão*, Jewish culture, Biblical narrative, German immigration, Brazilian literature.

Introdução

Num cenário social e cultural tão misto, variável e múltiplo, cada vez mais obras de cunho artístico releem, reinterpretem e retomam tropos humanísticos do passado. No que concerne aos estudos literários, tais relações, nunca unidirecionais, sempre dialéticas, retomam e reaproximam culturas e saberes. No seu famoso e polêmico ensaio, “A Angústia da Influência”, Bloom (1994) fomenta a discussão sobre as relações da literatura com a própria literatura. Na opinião do crítico, não são apenas as novas obras que ganham com tais releituras, mas as fontes também. Bloom argumenta que um

novo poeta que homenageia/discorda/relê um poeta do passado por meio da sua própria produção poética está, na verdade, reavivando o precursor. Embora sua tese seja aplicada principalmente à poesia, sua utilidade também se encontra em outros estilos literários e até mesmo em outros saberes, como demonstra Horgan (1998) em seu livro “O Fim da Ciência”.

Quando pensamos na influência de textos do passado em obras literárias mais próximas de nós temporalmente, o texto bíblico se apresenta como fonte inesgotável de ideias, conceitos e histórias que insuflaram – até hoje – a mente de diferentes escritores. Essa influência do texto bíblico se dá

tanto em autores “modernos”, como Franz Kafka, Herman Melville e José Saramago, quanto em autores clássicos, como Dante Alighieri, John Milton e Luiz de Camões. Até mesmo autores brasileiros, como Scliar (1999) com o seu “A Mulher que Escreveu a Bíblia” – romance inclusive fruto de duas “influências”: o texto bíblico até o reinado de Salomão e o próprio texto de Bloom (1992), “O Livro de J”, no qual ele apresenta a curiosa ideia de que parte dos livros de Gênese, Êxodo e Deuteronômio teriam sido fruto de uma escritora, súdita do reino do filho de Salomão, Roboão. No panorama da literatura do Sul do Brasil, encontramos também outro escritor que faz uma releitura extremamente interessante do texto bíblico, adaptando-o ao cenário e aos costumes sociais do Brasil Império.

Tal forma literária híbrida – que perpassa o saber bíblico revelando seus ecos culturais na colonização de um país como o Brasil – é exemplar ao demonstrar como diferentes tempos, múltiplos saberes e dicotômicas vivências se entrecruzam num infundável círculo autorreferencial. O objetivo desta análise é traçar os pontos divergentes entre o tropo bíblico e as escolhas dramáticas do escritor sul-brasileiro Josué Guimarães. Este estudo apresenta uma interpretação sobre o nome do personagem Daniel Abraão, no romance “A Ferro e Fogo I: Tempo de Solidão”, como um paradigma da esperança migratória frustrada representada pela família Schneider. Por meio de uma releitura da cultura judaica, presente nos livros de Gênesis e de Daniel, Guimarães (1977) faz uma adaptação inversa das qualidades e experiências dos personagens bíblicos, Abraão e Daniel, tendo como cenário o Sul do Brasil na época da colonização alemã.

Érico Veríssimo e Josué Guimarães: duas visões da gênese do Rio Grande do Sul

O primeiro volume da originalmente pensada trilogia “A Ferro e Fogo”, de Josué Guimarães, é o relato de angustiantes e incisivas vivências de imigrantes alemães no Sul do Brasil. Entre as cidades de Chuí, São Leopoldo e Rio Grande, a narrativa de Guimarães (1977) apresenta um ambiente violento, pobre e hostil que perpassa a Guerra da Cisplatina, no tempo do Brasil Império. A saga da família Schneider, na representação da corajosa Catarina, do fanático e fraco Daniel Abraão e no crescimento de seus filhos, é a saga da formação de um Estado. Não de um Estado fraco ou extremamente sensibilizado, mas de um Estado coeso, constituído de pessoas e

famílias fortes e dispostas ao trabalho e à modificação social.

Tanto a obra de Érico Veríssimo quanto a de Josué Guimarães muitas vezes são estudadas em paralelo como romances de formação social. A primordial diferença está na escritura de Veríssimo (2000) que apresenta uma imagística épica e até mesmo idealizada na descrição de um povo riograndense corajoso e múltiplo etnicamente. Em seu grande estudo literário sobre a formação desse Estado, personagens como Capitão Rodrigo e Ana Terra, ao lado de toda a família Cambará, são os pontos de ligação dessa paisagem cultural majestosa. Os personagens de Veríssimo (2000) enfrentam a terra hostil, os povos em busca de saque e violência e as agruras de uma vida rural primitiva na medida em que desvendam e aniquilam seus próprios temores. No Rio Grande de Veríssimo (2000) não há tempo para hesitações e temores. Podemos ver na obra “O Tempo e o Vento”, numa narrativa que perpassa mais de 200 anos, o retrato de um pequeno continente que se adapta e se reconstrói, uma civilização que se forma em meio a uma terra inóspita e adversa. No entanto, mesmo em suas quedas morais e físicas, todas as personagens de Veríssimo reúnem forças para se recompor.

Diferentemente, na prosa de Guimarães (1977), encontramos descrição mais preocupada com a rotina, com o sofrimento, com o tédio da vida desses homens e mulheres duros, machucados e embrutecidos num ambiente selvagem e perigoso. Podemos inferir que, se a obra de Veríssimo (2000) descreve as potencialidades da formação gaúcha, Guimarães (1977) trabalha num registro de amargas promessas desfeitas. Nesse aspecto, a família Schneider não está sozinha. A ela, assim como a várias outras famílias, foi ofertada uma enganosa terra prometida, uma inalcançável Canaã. Na descrição de Guimarães (1977), o Sul do Brasil é uma coleção de variedades: caudilhos, politiqueiros, índios, prostitutas, soldados, castelhanos, entre outros. “Tempo de Solidão” é um romance dedicado à descrição do desencanto desse imigrante ao vivenciar experiências traumáticas e angustiantes. Nisso, a representação do personagem masculino, Daniel Abraão, é curiosa, pois revela em suas ações uma religiosidade extrema mas infelizmente improfícua. Na terra narrada literariamente por Guimarães (1977), o espiritual inexistente. Orações e recitações religiosas são inúteis e impraticáveis num ambiente em que homens roubam, estupram, destroem, matam e são mortos sem nenhum sinal de ajuda celeste.

A bifurcação judaica: o imigrante Abraão e o exilado Daniel

O nome Daniel Abraão encerra em si dois dos mais importantes personagens da bíblia hebraica: o

pai da nação judaica, Abraão, e o profeta interpretador de sonhos, cativo em Babilônia, Daniel. Sobre eles, é necessário primeiramente apresentar pontos comuns antes de uma descrição individual. Nos dois casos falamos de homens fiéis a sua divindade. São homens entregues a sua esperança, em terras estranhas cujos moradores são infiéis - no que concerne à crença em Javé - e violentos com os estrangeiros. Homens dispostos a abdicar de terras, de famílias, de amigos e até mesmo de uma vida mais prazerosa em prol da ordenação celestial. Abraão esconde do rei egípcio que Sara é sua esposa, temendo ser assassinado, conforme Gênesis, capítulo 12. Daniel é jogado num poço profundo para ser devorado por leões, no livro que leva seu nome, no sexto capítulo. Nas duas histórias - afastadas temporalmente por mais de um milênio - há recompensa pela fidelidade. Seu Deus, o tempestuoso Javé, salva-os, protege-os e os recompensa. Já no romance de Guimarães (1977), Abraão recebe sua terra prometida, porém essa não “mana leite e mel”, e sim ódio e morte. Em “Tempo de Solidão”, Daniel não tem sonhos esperançosos e libertadores, antes, tem pesadelos com dias claros e descampados iluminados por um sol cáustico e desconfortável.

Abraão é o primeiro patriarca de diversas nações hebraicas. Ele recebe de Deus ordem para sair de sua terra natal, Ur dos Caldeus, e partir em viagem com Sara, sua mulher, e Ló, seu sobrinho. Abraão instala-se na terra de Canaã, ao passo que Ló estabelece residência na cidade de Sodoma (CARR-GOMM, 2004, p. 10). Baseando-se numa profunda análise do relato do Gênesis, Lafon (1998, p. 27) afirmará que “Abraão não queria amar nem ser livre para amar... queria ser livre até dessas relações”. Nesse respeito, o personagem Abraão, conforme destaca o estudioso francês, é destituído de qualquer vínculo humano mais forte. Lafon (1998, p. 133) continua:

Ele era estrangeiro também em relação aos outros homens, e assim sempre permaneceu, mas não distante nem independente a ponto de ignorá-los totalmente ou evitar quaisquer relações com eles[...] ele permaneceu firmemente atrelado a seu isolamento, assinalado por uma particularidade corporal imposta a ele mesmo e a seus descendentes.

Em contraste com esse estranho ascetismo de Abraão, temos no livro de Daniel uma caracterização um pouco diferente do servo de Javé. Nele, o jovem Daniel é reconhecido por sua natureza onírica na qual é sempre associado ao herói do Gênesis, José, como sendo mestre na interpretação de sonhos. No registro bíblico, o hebreu Daniel estava cativo na capital do império babilônico. Centro de uma prática

religiosa plural, Babilônia permitia o culto e a adoração de qualquer divindade desde que seus habitantes respeitassem e seguissem a lei local. Em Babilônia, Daniel interpretou os sonhos dos reis Nabucodonosor e Baltasar (CARR-GOMM, 2004, p. 73). Daniel também é vítima de sua devoção exclusiva e da impaciência que sente por outros homens pertencentes a uma cultura diferente e dedicados a divindades desconhecidas por ele.

Muito teóricos, entre eles Bloom (1992, 1993), nos livros “Abaixo as Verdades” Sagradas e “O Livro de J”, mencionam que a escritura hebraica - nomeada pelos cristãos de Velho Testamento - é a história de um povo em eterna busca. Desde a expulsão do figurativo Éden, o povo de Javé esteve sempre à espera de algo. Sua Canaã é tanto física - uma terra literal repleta de bênçãos, dádivas e belezas - quanto espiritual. A espera pela Canaã judaica, desse ponto de vista, dura até hoje. Logicamente essa espera pelo futuro ideal não é exclusividade judaica, tendo também “contaminado” - e não uso aqui a palavra com valor pejorativo - o Cristianismo como um todo. A crença do Juízo Final que antecederá a recompensa dos justos é também uma revalorização do futuro, do ideal, do perfeito, do uno com a divindade e com o outro. No entanto, tal objetivação do futuro, significa, pelo menos momentaneamente, um esquecimento do presente. Esse eixo temático, que perpassa o texto bíblico, e que se estabelecerá em toda a literatura ocidental, será para os escritores de formação nacional constante ponto de encontro em suas narrativas. Assim, se “O Tempo e o Vento”, de Veríssimo (2000), é uma busca pela Canaã familiar caracterizada pela saga da família Cambará, em “A Ferro e o Fogo”, Guimarães (1977) traçará a antiCanaã, a terra estéril que apresenta aridez quando antes prometia fertilidade.

No protagonista de Guimarães (1977), esses dois personagens se encontram num cruzamento especular com suas fontes bíblicas. Para Daniel Abraão não há esperança, sonhos benéficos ou anjos descendo em revoada para lhe salvar, como em suas contrapartes bíblicas. Em “A Ferro e Fogo”, o homem não é um filho de Deus, é antes um filho do homem, irmão do homem, escravo do homem, vítima do homem.

Tempo de solidão: o ser fora de seu mundo

No Brasil Imperial do romance de Guimarães (1977), imigrantes são sinônimos de escravos. Alemães são chamados, nomeados e tratados como índios, bugres e negros em vários capítulos do livro. Homens ricos, carentes dos benefícios do trabalho escravo, vêem na chegada dos imigrantes uma nova

fonte de trabalho barato. Um desses, Grundling, é o responsável pela viagem dos Schneider, que desconhecem o objetivo da mesma, ao Sul do Estado. O resultado é funesto: Catarina cuida da casa enquanto Daniel Abraão esconde-se num poço, temendo os estancieiros e soldados que chegam em busca das armas de Grundling, primeiramente escondidas na estância cedida aos Schneider. Após meses de fome e frio, escuridão e de recorrentes estupros, todos começam a ver que “o Novo Mundo começava a ficar irreversível” (GUIMARÃES, 1997, p. 10). Grundling, o qual podemos tomar por antagonista, também enfrentará na pele os sofrimentos de uma vida na qual nem todas as riquezas possíveis podem afastar o homem do peso da solidão. A morte de sua esposa, Sofia, no fim da narrativa, coloca-o ao lado de Catarina, que estava decidida a matá-lo por vingança, mas que muda de ideia ao perceber que na Canaã tardia do Sul Brasileiro o ferro e o fogo marcam a todos.

Em tal mundo hostil, crenças religiosas não fazem sentido num cenário em que nada faz sentido. Quando Catarina é mais uma vez estuprada pelos soldados em busca do chefe da casa e das armas escondidas ali,

[...] não conseguia lembrar-se de nenhuma frase da Bíblia, alguma que lhe desse conforto ou que justificasse a sua passividade. Não pensava nela, por Deus Nosso Senhor. Não sentia mais nada a não ser o ódio e nojo, inclusive de si própria. Sentiu-se novamente agarrada [...] uma besta no cio, um touro execrando a bufar, as suas carnes e entranhas massacradas, um fogo por dentro e, finalmente – um minuto depois, meia hora, duas – a solidão (GUIMARÃES, 1977, p. 45).

Nesse momento, o sexo dos homens que a violentam é como um fogo infernal que lhe queima as entranhas. Nesse caso não apenas as entranhas de seu corpo como também as entranhas de sua alma. O tempo, para Catarina, perde qualquer marcação. Minutos e horas passam num instante. Passam numa eternidade de dor e ódio crescente. Ela não luta. Não há por que lutar. É uma luta já vencida pelas forças que sufocam e castigam o homem ao adentrar à terra estranha. Enquanto isso, Daniel esconde-se no fundo de um poço. Lá, ele vira uma sombra (REMPEL, 2000). Os gritos da mulher, os dias que passam lentos, as dores nos músculos, o cabelo e a barba a crescer desganhados levam a personagem a um estado catatônico passivo digno, não do Daniel bíblico, homem corajoso e intenso, mas de um Nabuconosor, condenado por Javé a sete anos de loucura, vivendo como e com os animais no campo. O Daniel Abraão de Guimarães (1977) é um

animal, acuado e confuso, para quem tudo o que é externo é indiferente. O banho, a comida, a companhia, o sexo e todas as outras atividades são para ele apenas sinais de que o fim apocalíptico pregado por São João no último livro da bíblia está muito próximo.

Nesse sentido, não há conforto religioso numa literatura que não está interessada em expressar o transcender espiritual, invisível, intangível, talvez até inalcançável. Antes, Guimarães (1977) procura em sua obra um sentido palpável de uma vida não confortável. Seus personagens são pequenas folhas secas, exauridas e cansadas, levadas pelo vento do tempo. A ferro e fogo, pela dureza e pelo calor escaldante, seus personagens são forjados em meio ao sofrimento. Em tal ambiente, Daniel Abraão vê em sua religiosidade – em alguns aspectos de um catolicismo medieval – um escape da realidade social angustiante. Rempel (2000, p. 89) menciona que a bíblia trazida da Alemanha havia se tornado a verdadeira companheira do personagem. “Através da leitura da bíblia, ele encontrava consolo e conforto para o período conturbado pelo qual passavam”.

Noll contou que tinha sonhos deslumbrantes uma vez por semana. Via uma luz muito brilhante no céu e da luz vinha uma voz como o trovão. Seria a voz de Deus. Ameaçava o homem com ferro e fogo. Afinal, todos pecam dia e noite, Herr Schneider. Veja só a cobiça entre irmãos, o exagerado amor pelo dinheiro, o vizinho desejando a mulher do vizinho, ninguém mais quer saber da igreja e das palavras de Jesus Cristo. Haverá alguma coisa na bíblia sobre esses sonhos? Quem sabe já não será uma visão do próprio Apocalipse?

Daniel Abraão fechava a Bíblia sobre uma das mãos e com a outra batia nela com vigor:

Tudo o que acontece sobre a face da terra, debaixo dela ou nos céus, tudo está aqui neste livro (GUIMARÃES, 1977, p. 133).

Contrasto com essa passagem uma citação de Lafon (1998) sobre o caráter do personagem bíblico Abraão, que muito se harmoniza com a caracterização do personagem de Guimarães (1977).

O mundo todo, seu oposto absoluto, era conservado na existência por um Deus que Lhe permanecia estranho, um Deus em quem nenhum elemento da natureza encontraria participação, mas que denominava todas as coisas. Da mesma maneira, é dele, do outro oposto, o oposto à totalidade do mundo, que Abraão, como tal, tendo sido completamente incapaz de ser, tirava sua existência; é somente graças ao Deus que ele também se relacionava de maneira mediata com o mundo, único tipo de relação possível entre eles; seu Ser ideal lhe submetia este mundo, saciava-lhe as necessidades e garantia sua segurança (LAFON, 1998, p. 30).

É nesse sentido que a consciência de Daniel Abraão é retratada: seu mundo não é o mundo de Catarina, de seu filho Philip ou de qualquer outro personagem do romance. Seu mundo é o mundo religioso utópico ao qual ele adentra com total entrega e devoção. Para ele, apenas o que é bíblicamente explicável é essencialmente compreensível. Por isso ele foge da realidade, por isso ele é indiferente aos convites sexuais da esposa, por isso ele cava um buraco no qual se sente seguro e tranqüilo.

Para Daniel Abraão, a vala escura é um útero aceitável e protetor. Não quer chorar como choram os pequenos ao nascer. Antes, quer se esquecer num momento interminável de calor e proteção. Sensações inimagináveis na aridez da terra em que se encontra.

Como reflexo de suas contrapartes bíblicas, Daniel Abraão tenta ser um profeta milagreiro numa terra que não lhe dá ouvidos. Fora alguns vizinhos curiosos da leitura e da interpretação do senhor Schneider, ele vive como um profeta louco cujas profecias apocalípticas não têm utilidade nenhuma. Em resposta às suas palavras e ações, sentimo-nos penalizados pela solidão e pela força demonstrada por Catarina. Se o homem é o guardião e patrão de sua esposa na cultura judaica, Daniel Abraão, nome duplamente judeu, é exatamente o oposto disso: sua fraqueza e sua passividade fazem dele um pequeno menino apático, cuja mãe/esposa Catarina irá proteger e guiar durante todo o tempo descrito por Guimarães (1977).

Sobre essa caracterização, Pimpão (1978, p. 3) menciona que “as guerras constantes no centro do continente europeu originaram situações desesperadoras para os habitantes das regiões economicamente mais pobres. Para muitos deles a única alternativa que se oferecia era a emigração. Essa significava deixar a pátria, na tentativa de não morrer de fome”. Entre o fugir da pobreza e o encontrar miséria mais dura ainda, o romance de Guimarães (1977) é um espelho da inutilidade das ações humanas em tentar escapar de um ambiente, idealizando a felicidade e a segurança em outro.

Continuando o percurso nômade judaico, percebemos que a colonização dos imigrantes europeus em busca das promessas de um novo mundo perfeito foi meramente ilusória. No entanto, é interessante notar que, mesmo estando distante de sua terra, e aqui podemos perceber outra relação com os judeus, esses imigrantes, passados mais de 200 anos, continuam a valorizar e a retomar sua cultura e seus costumes. Essa fidelidade cultural é a marca de um povo não disposto a adaptações

culturais, mas consciente de sua origem e da importância dos valores de seus antepassados.

Centrando sua narrativa nos dramas de um Brasil Colônia, árido e tortuoso, Guimarães (1977) relê a narrativa bíblica, negando-lhe o sentido primeiro desse texto, que destaca as peregrinações de um povo, figurado tanto no primeiro patriarca, Abraão, quanto no jovem profeta exilado, Daniel. Na cultura judaica, a recompensa de Javé é certa. Abraão e seus filhos, Jacó e Isaque, receberam-na. Os profetas, incluindo Daniel, Isaías e Jeremias, entre outros, dedicaram uma existência completa ao profetizar mediúnico que denunciava as injustiças e prometia a libertação messiânica. Diferentemente, no Daniel Abraão de Josué Guimarães, tudo se perde, tudo se esquece, tudo se dissolve. Em “Tempo de Solidão”, a citação bíblica não mostra concordância temática. Antes, apenas demonstra a angústia espiritual/existencial naqueles que desejam explicações além vida para o sofrimento terreno.

Conclusão

Em vários momentos do romance de Guimarães (1977), as promessas de uma terra fértil são contrastadas com a dureza da realidade que os envolve. Nas mentes das personagens de Catarina e Daniel, mentes cansadas e machucadas, há uma rememoração de antigos sonhos e planos. Tais esperanças prometiam um descanso e uma dignidade que desconheciam em sua terra natal. Entretanto, a árida e solitária realidade não os deixa descansar.

No contraste entre as lembranças de Catarina e as reflexões de Daniel Abraão, percebemos um desencanto total com relação ao ideal anterior ofertado pela sedutora proposta de Grundling e pela realidade vivenciada por eles nos confins do Rio Grande do Sul. Nessa falsa terra prometida há apenas o som do futuro imperfeito e angustiante que chega. Nessa mentirosa Canaã, resta-lhes apenas dormir, esquecer, repousar, no silêncio de um tempo de solidão.

Referências

- BLOOM, H. **O Livro de J.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.
BLOOM, H. **Abaixo as verdades sagradas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
BLOOM, H. **A angústia da influência.** Rio de Janeiro: Imago, 1994.
CARR-GOMM, S. **Dicionário de símbolos na arte.** Bauru: Edusc, 2004.
GUIMARÃES, J. **A ferro e fogo I: tempo de solidão.** 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

HORGAN, J. **O fim da ciência**: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LAFON, G. **Abraão**: a invenção da fé. São Paulo: EDUSC, 1998.

PIMPÃO, A. C. **Vieram em busca da liberdade**. Os 150 anos da imigração alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Olímpica, 1978.

REMPEL, M. C. **A representação da mulher alemã em A Ferro e Fogo e Videiras de Cristal**. 2000. 138f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2000.

SCLIAR, M. **A mulher que escreveu a Bíblia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VERÍSSIMO, E. **O tempo e o vento**: o continente I. 34.ed. São Paulo: Globo, 2000.

Received on April 23, 2009.

Accepted on September 7, 2009.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.